

A SEMIOLOGIA E A EDUCAÇÃO FÍSICA: UM DIÁLOGO COM BETTI E PARLEBAS

José Ricardo da Silva Ramos¹

*Cependant, l'arbre ne doit pas cacher la forêt*²
Pierre Parlebas³

RESUMO: Este texto é resultado de meu estágio em Praxiologia Motriz orientado pelo Professor Pierre Parlebas, em seu laboratório LEMTAS (Laboratoire d'Etude des Méthodes et des Technologies de l'Analyse Sociologique) na Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne. Trato de questões sobre as teorias lingüísticas aplicadas ao ensino da Educação Física e a sua repercussão na esfera das práticas corporais e motrizes. Ao me movimentar na trama das redes lingüísticas e semiológicas procuro dialogar com Betti (1994) e Parlebas (1977 e 1999). Analisando as obras desses dois autores, busco sistematizar minha leitura e produzir um texto novo a partir dos quais estes já construíram em pesquisas e ciências.

UNITERMOS: Praxiologia

Construindo o diálogo

A linguagem humana, compreendida como um sistema de signos verbais e não verbais, está presente em todo o universo educacional. Na Educação Física percebemos um processo pedagógico sendo intermediado por um exercício epistemológico de profissionais da área que buscam desvendar e conhecer mais sobre as concepções semiológicas ou lingüísticas aplicadas ao campo da ação corporal.

Encontro este exercício em Betti (1994), num ensaio epistemológico sobre o que a semiótica pode inspirar ao ensino da Educação Física⁴. O autor oferece alguns exemplos de como pode ser interessante e possível obter a relação pedagógica entre a semiologia, a semiótica, a lingüística e o ensino da Educação Física. Seu texto demonstra que o conhecimento signico abrange desde a leitura do comportamento verbal do professor, sua função comunicativa, até as observações dos significados dos signos no contexto educacional. O referido ensaio, muito bem fundamentado em clássicos como Saussure, Barthes, Pierce, entre outros, é marcado e situado por uma análise diacrônica e sincrônica que vislumbra, num discurso articulador, a Educação Física e as concepções lingüísticas.

Dessa forma, Betti mostra um caminho viável para a produção de uma pedagogia nova. A partir de concepções lingüísticas, ele desvenda, observa, critica e faz menção a possíveis articulações de conhecimentos da Educação Física com aqueles já postos e vividos nas teorias da ciência da linguagem verbal.

Como Betti, que ao tecer a rede imbricada das relações semiológicas e a Educação Física, busca discutir questões sérias, como o significado dos signos corporais e as devidas intervenções pedagógicas, eu também ousarei escrever os

pontos e os contrapontos das teorias lingüísticas no campo da Educação Física. Em vez de um ensaio que evidencie a importância da mediação semiótica para a compreensão do movimento humano, apresentarei um *corpus* de estudos sobre trabalhos lingüísticos relacionados às ações corporais, descobertos em minhas pesquisas e reflexões sobre o tema em questão.

Esses trabalhos lingüísticos, na medida em que forem sendo abordados, serão destacados no campo do movimento humano, com os seus respectivos autores devidamente citados. Porém, diferentemente de Betti, traço um outro caminho onde denuncio a fragmentação lingüística, quando esta é considerada aplicável ao movimento vivido pelo sujeito. Assim, procurarei incorporar a cada teoria lingüística, semiótica e sobretudo semiológica, a minha visão epistemológica sobre o tema em questão, a partir do que tenho lido e entendido sobre a interessante correspondência entre linguagem e Educação Física. Cabe lembrar as palavras sábias de Paulo Freire que diz que cada sujeito cognoscente tem a sua própria leitura de mundo e as de Bakhtin que ensina que cada mensagem vem introjetada de outras tantas mensagens vividas em nossa história educacional. Igualmente oportuna é a referência a Parlebas (1977 e 1999) sobre o caráter polissêmico de leitura dos signos no nosso universo educacional.

Uma última questão a ser relatada surge de uma inquietação pessoal no sentido de compartilhar com os demais professores de Educação Física os resultados um estimulante estágio que fiz, com o professor Pierre Parlebas sobre semiomotricidade, função semiotriz e análise praxiológica. A partir então, de uma melhor compreensão da obra do referido

¹ Especializado em Lingüística aplicada às Ciências Sociais, UERJ. Mestre em Educação Física, UGF.

² Entretanto, a árvore não deve esconder a floresta.

³ Vice-presidente da Escola de Doutorado: "Educação, Línguas, Sociedades". Paris V. Decano da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Sorbonne. Diretor do LEMTAS.

⁴ Trabalho em forma de ensaio produzido pelo professor Mauro Betti (1994) é de grande valia para se compreender o conhecimento das teorias lingüísticas e as suas validades no processo de ensino e aprendizagem da Educação Física.

autor, não consegui privatizar o desejo de registrar, – sob a forma de um estudo investigativo – o que a praxiologia motriz está produzindo e sobre meu conhecimento a respeito da linguagem, lingüística e Educação Física.

Pensando sobre as mudanças de referenciais pedagógicos no ensino da Educação Física, Betti (1994) destaca um trabalho pioneiro de valorização do uso da linguagem verbal pelo professor de Educação Física. Ried (*apud* Betti, 1994), demonstra o encontro do elo entre a linguagem verbal e a comunicação, indispensável na aula de Educação Física. Assim, Ried serve-se do modelo de comunicação de Jakobson (1969), principalmente da função referencial, onde a mensagem comunicativa denota referenciar-se em algum objeto qualquer da comunicação, ou em alguma tarefa dominante entre numerosas mensagens. O próprio Jakobson afirma em seu livro: *Lingüística e Comunicação* que "(...) a participação adicional de outras funções em tais mensagens deve ser levada em conta pelo lingüista atento". (p. 123)

O que interessa-nos especialmente em Jakobson é que, embora este autor classifique seis aspectos básicos da linguagem⁵, nenhum aspecto básico preenche uma única função, sendo necessária ao pesquisador a observação da função predominante em um determinado contexto. Parlebas (1977) destaca o terreno fértil dessas funções para quem estuda o processo de interpretação signica dentro do domínio das atividades corporais. Ele percebe a ligação das funções lingüísticas às situações motrizes pela relação análogica entre as situações verbais e corporais. Enfatiza as imbricações profundas entre situações psicomotrizes e sociomotrizes com as funções, entre atividades não esportivas (expressão corporal e jogos tradicionais) e as seis funções lingüísticas de Jakobson. E observa nos jogos tradicionais um processo de conquista de todos os fenômenos comunicativos. E, contrapondo-se à Ried, Parlebas afirma que se as funções de Jakobson não fazem um processo de elaboração de uma nova teoria para a ação corporal, esta somente se constitui de um paralelismo entre lingüística e o ensino da Educação Física. Com relação à função referencial, Parlebas (1977a, p.60) assevera:

*Toutes les fonctions y laissent en effet leur empreinte, et souvent avec générosité. La fonction référentielle par exemple, si représentative du pouvoir symbolique de la parole, figure ici en très bonne place.*⁶

Compreendo que todas as ações pedagógicas do professor de Educação Física estão completamente inseridas na polissemia da comunicação humana. Esta comunicação não obedece nenhuma linearidade, pois se desenvolve em situações espaciais e temporais, contempladas por todas as

dimensões: física, afetivas e intelectuais que a dimensão corpórea tem a oferecer. A dimensão corpórea se estabelece pela nossa capacidade motriz de nos relacionarmos com o mundo e com os outros. Dessa forma, vamos interagindo com o universo cultural e educacional que nos envolve, compreendendo o nosso mundo interior e mudando nosso comportamento.

A questão é que a dimensão corporal deve ser reconhecida, compreendida e identificada pelas relações que estão baseadas diretamente pelas coordenadas espaciais e temporais determinadas por uma situação motriz. Não podemos negar que as nossas ações motrizes sofrem a materialidade sensível e dependente, como afirmamos, do tempo e do espaço, onde elas se manifestam.

Betti (1994, p. 25) ajuda a entender o que estou tentando explicar quando fala da oposição ou complementação aos modelos de demonstração e imitação no ensino da Educação Física. Segundo este autor, não é apenas a palavra do professor que tem significado nas aulas, a forma como se processa a palavra também o tem. Assim, parece-me pertinente refletir sobre todas as ações disponíveis dos sujeitos que constroem uma aula de Educação Física, uma metamotricidade que poderia desvendar as produções corporais dentro de uma situação de ensino. Dai, poderíamos observar os sinais corporais, os gestos, as relações intra e inter-grupais, as atitudes, as relações temporais, espaciais, os papéis incorporados por cada sujeito, enfim, todas as manifestações verbais e não verbais como instrumentos signicos carregados de sentidos e significados e não apenas a palavra (a parole).

Em relação à palavra como um sistema de signos, Parlebas (1977b) constata um fenômeno, o qual, segundo os lingüistas, fundamenta essencialmente toda a linguagem verbal. Este fenômeno chama-se dupla articulação, onde todo o significado verbal que o sujeito busca comunicar deve ser analisado em unidades seqüenciais. Cada unidade se desenvolve em uma linearidade temporal que recebe uma forma vocal (física) e um significado. Essas unidades são caracterizadas como verdadeiros signos e dão sentido à palavra. Os lingüistas as chamam de monemas, representando assim a primeira articulação da linguagem.

Esse sistema de signos é formado também por unidades da segunda articulação, que se desenrolam de acordo com o órgão fonético – os fonemas. Os fonemas se manifestam fisicamente, isto é, de forma sonora, em unidades sem significado que possibilitam a formação de unidades seqüenciais através dos sons, não chegando, portanto, a serem considerados signos. Os fonemas são considerados pelos lingüistas como significantes da palavra, constatados na segunda articulação da linguagem verbal. Reside aqui o argumento de muitos autores que consideram, dentro da

⁵ Segundo Roman Jakobson (1969) temos as funções: referencial (centrada no objeto da comunicação); conativa (centrada no receptor); expressiva (centrada no emissor); poética (centrada na mensagem); fática (centrada no canal) e metalingüística (centrada no código).

⁶ Todas essas funções deixam de fato sua impressão, e muitas vezes com generosidade. A função referencial por exemplo, se representativa do poder simbólico da palavra, figura aqui em um ótimo lugar.

língua, as unidades de duas faces: o significante que se manifesta fonicamente (som) e o seu significado, o sentido que a palavra representa.

A dupla articulação é uma forma lingüística que André Martinet (1970) desenvolveu para distinguir de forma econômica a codificação das línguas, onde o sujeito falante pode transmitir um número infinito de mensagens diferentes construídas a partir de unidades com significação, isto é, dos monemas e discriminá-las por unidades físicas constituídas de significantes, os fonemas. Assim, é plausível que o próprio conceito de signo seja sustentado nesta visão paradigmática da linguagem verbal.

Betti (1994), escreve sobre a idéia estrutural no seu ensaio-texto, apresenta-a como uma possibilidade de articulação entre o objeto de estudo que se quer conhecer e o modo de como um signo pode circular no ensino da Educação Física, quando afirma que:

É necessário explicitar que não estamos nos referindo, quando falamos em 'signos do ensino' à comunicação, mas como propõe Barthes (1987), indicamos a necessidade de adotar uma posição imanente ao objeto que queremos estudar, o que implica abandonar o enfoque relativo à emissão ou recepção das mensagens, e colocarmo-nos ao nível das próprias mensagens, que não veiculam somente informações, mas constituem também sistemas estruturados de signos, quer dizer, essencialmente sistemas de diferenças, de oposições e de contrastes (p. 33).

Porém, este argumento de Betti é de denúncia quando ele menciona Benvenistes (1989) e a dificuldade do uso das teorias rígidas das lingüísticas no campo do conhecimento corporal. Ele explica que outras concepções semiológicas podem ser incorporadas ao ensino da Educação Física quando essas fossem se mostrando significativas a determinados planos de ação do professor. Neste processo de conquistas de uma linguagem que fale das ações corporais, Parlebas (1977b p.50) desempenha um papel fundamental, pois ele descreve a viabilidade da teoria da dupla articulação elaborada a partir da leitura das escrituras corporais dos sujeitos em ação (ibidem), porém limitadas pelas condições históricas que a língua oferece. É necessário, para tanto, formular uma tese metamotriz, que apresente em seu bojo um conjunto de conhecimentos sobre temas relacionados ao campo da língua, mas que ao mesmo tempo não se prenda a nenhum modelo

importado já visto, mas ao contrário, produza um movimento libertador:

Ce sont finalement des formules importées qui considèrent comme résolu un problème à peine posé, et qui risquent d'empêcher une véritable investigation.⁷

Nesse sentido Parlebas nos convida a considerar o signo motriz em sua diversidade espaço temporal, e não como um bloco linear que funciona por oposições e diferenças. Para o autor, investigar o cotidiano ludomotor dos sujeitos que vivenciam suas próprias ações motrizes pode evidenciar que, dentro de cada situação motriz em que estes se inserem para se comunicarem ou contracomunicarem, estão presentes a polissemia dos saberes signicos, que se relevam a partir de uma metodologia própria constituída pelo autor. Para ele, submeter esta polissemia motriz à arbitrariedade temporal⁸, como se faz na linguagem verbal, é desprezar toda a complexidade de relações que movem um sujeito ou um grupo social dentro de uma determinada situação motriz.

O próprio autor, que afirma que sendo a linguagem corporal uma questão multidimensional, a sua interpretação deve ter um caráter epistemológico. Ela revela uma enorme riqueza em atitudes, gestos, sinais e comportamentos que precisam de saberes específicos para que sua ciência se consolide. Parlebas analisa os materiais com os quais os professores de Educação Física trabalham em situação de ensino e aprendizagem, justificando sua atenção sobre a ciência cinésica, o espaço e a gestualidade como instrumento comunicativo nas relações educativas. Para o autor, existem certas situações educativas tão importantes para o discurso verbal do professor que não podem ser desconsideradas. E conhecê-las implica estudar a importância das imagens corporais, quando essas atuam diretamente no ensino da Educação Física. Assim, quando Parlebas (1977b, p.51) refere-se à essas situações comunicativas, sua interpretação pode ser considerada como um fenômeno paralingüístico, por esses saberes introjetarem, inevitavelmente, os conhecimentos do campo lingüístico:

Des sémiologues vigilants – et linguistes de surcroît ont rapidement décelé l'inflation linguistique ; ils ont proposé une démarche sémiologique originale et rigoureuse qui voudrait se dégager de l'appareil strictement linguistique.⁹

⁷ Finalmente são as fórmulas importadas que consideram como resolvidos um problema levantado com dificuldade, e que correm o risco de impedir uma verdadeira investigação.

⁸ A concepção de que o signo motriz não é arbitrário, linear, nem temporal é uma visão parlebariana, que legitima a ciência da ação motriz e a sua metodologia constituída para as análises do sujeito que move em uma prática motriz. Tubino e Menezes Costa (1995) explicam a função signica da motricidade a partir de um estudo dos jogos de frescobol nas praias do Rio de Janeiro. Eles fazem um estudo comparativo do signo saussuriano e do signo ludomotor.

⁹ Os semiólogos vigilantes – e os lingüistas de acréscimo, rapidamente revelaram a inflação lingüística, eles propuseram um pensamento semiológico original e rigoroso que gostaria de se libertar do aparelho estritamente lingüístico.

Desvelando a Educação Física no bojo das teorias paralingüísticas

Acredito, após as minhas explicações sobre as teorias paralingüísticas, que ficará mais fácil identificar, dentre as teorias apresentadas, as produções mais simples, ainda amarradas ao ensino da Educação Física e, por oposição, a copernicana teoria de Parlebas. Nesse sentido, é importante que compreendamos que, para chegar a apreender um novo saber, o sujeito episteme tem de conhecer os processos formadores e globais de uma nova teoria. E tal processo exige muita atenção no momento de discriminar e identificar as teorias bases, tão importantes para a constituição de um novo sentido na ação educativa.

Na tradição lingüística, a comunicação é conceituada de forma bem abrangente, sem implicar necessariamente alguma intenção de informar. Para Lyons (1981), existem certos conceitos relevantes para a investigação de todos os sistemas de comunicação. Ele compõe esse sistema apontando seis fatores básicos: um **signal** que deve ser transmitido de um **emissor** para um **receptor** (ou um coletivo de receptores) através de um **canal** de comunicação; o sinal terá uma determinada forma e passará um determinado **significado** (ou **mensagem**); a conexão entre a forma do sinal e o seu significado é estabelecida pelo que normalmente se chama em semiótica de **código**: o meio pelo qual a mensagem é codificada pelo emissor e decodificada pelo receptor. Podemos dizer, por extensão, que o corpo pode ser usado como um meio de comunicação entre os seres humanos. No momento em que isto ocorre, o corpo humano torna-se, ao mesmo tempo, um emissor, ao transmitir uma mensagem para outro, e um receptor, ao receber a mensagem observando os sinais corporais anunciados pelo emissor. Este processo de realização da comunicação requer um canal de transmissão, uma mensagem, um emissor e um receptor. Faltando qualquer um desses elementos, não se completa o processo de comunicação humana. O problema, nessa extensão do sentido de comunicação, é que não há um código convencional. Grande parte das mensagens é "captada", mas não "decodificada".

É na observação do sistema de comunicação verbal que são percebidas características da parte não-verbal em sinais e mensagens de natureza paralingüística. Este processo não-vocal de comunicação é encontrado em movimentos do olhar, movimentos da cabeça, expressões faciais, gestos, posturas etc., que determinarão, com mais probabilidade, os vários nichos de significado de uma mensagem.

A paralinguagem, para Rector & Trinta (1986), é comunicação, não apenas pelo seu ajustamento à expressão lingüística, mas também pela expressão corporal, ao revelar intenções e estados afetivos. Incide ainda sobre todas as formas de relação interpessoal, regulando a interação e propiciando o contraste de atitudes e personalidades individuais. Está presente em todos os tipos de interação humana, sobreposta à codificação verbal, supondo sempre que a comunicação do corpo se faz em grande parte pelo

recurso aos gestos. Do ponto de vista etimológico *gesto* provém do latim *gestus* que quer dizer *maneira de proceder, atitude, movimento expressivo*. É, portanto, uma ação corporal visível, pelo qual um certo significado é transmitido por meio de uma mensagem expressiva.

Rector & Trinta (1986) comentam também sobre a existência de alguns gestos codificados que diferem da pura manifestação paralingüística por serem parte intencionalmente significativa de um ato de interação social. São "atos" ou "ações práticas" como um "gesto de generosidade" ou "um gesto de agressão", por exemplo. São expressões corporais icônicas, no sentido de que se encerram na intenção de exprimir um significado. Por exemplo, a mão que se mostra cerrada exprime em sua forma o movimento característico de quem arma um soco que se vai dar em alguém.

No plano das relações entre processos de ação e processos de comunicação, as pesquisas de George H. Mead, oferecem algumas indicações acerca da compreensão de como a significação se incorpora à interação, como um fato humano social. Este autor estuda a relação das reações corporais como um processo de comunicação fazendo uma referência explícita ao âmbito do desporto. Como exemplo, ele analisa o enfrentamento corporal de um boxeador e de um esgrimista, onde as "fintas" e as "paradas" revelam como suas condutas são portadoras de significação. Diz ele que os gestos se convertem em símbolos significativos, traduzindo que a comunicação corporal favorece a inteorização das atitudes dos outros, das normas coletivas, e representam enfim o fator mais importante do processo de socialização.

Entendemos que é costume da comunicação verbal levar-nos a pensar que, quando falamos em comunicação não verbal ou unidade extralingüística, estamos lidando com uma dimensão meramente complementar de um processo comunicacional. Isto ocorre porque a imensa maioria dos estudos extralingüísticos e paralingüísticos são percebidos essencialmente como um suporte da linguagem falada ou escrita.

O avanço do estudo dos movimentos como elementos comunicativos leva à criação da cinésica, que, segundo Ray Birdwhistell, procede de uma descrição atomizada da gesticulação em classes mínimas de movimentos (cines) que constituirão unidades distintas de um conjunto de gestos. O exemplo que o autor dá é a análise cinésica sobre os gestos faciais: o movimento das pálpebras e posturas corporais que se combinam para se constituírem em um ato de comunicação.

Assim, a cinésica ensina que um piscar de olhos só adquire significado enquanto unidade de comunicação, quando exposto a um contexto cultural, e nunca de maneira isolada. As circunstâncias ambientais e culturais que cercam o ato não-verbal devem ser observadas e acrescentadas às características articulatórias de cada gesto.

Guiraud (1980) refere-se à cinésica como uma teoria biológica da comunicação gestual formulada pelos princípios do evolucionismo darwiniano, considerando alguns gestos como sendo universais e comuns a todas as culturas. Neste caso estão os gestos biologicamente úteis, considerados de certa forma inatos, que foram incorporados à experiência

emocional dos seres humanos. Afastar alguma coisa com a mão, por exemplo, manifestando rejeição ou recusa, pode ser um gesto que remete a um significado.

Segundo Parlebas (1977b) a cinésica apresenta incontestavelmente, apresenta fatos novos sob pontos de vista fecundos. Mas, dentro das possibilidades de um estudo praxiológico, as abordagens da cinésica merecem críticas. Primeiro, por abrirem mão de pesquisar a comunicação corporal em movimento para se basearem em gestos lentos, mímicas faciais; e, de outra parte, porque a metodologia e os conceitos utilizados são muito mais dependentes da lingüística, sem aplicação direta à área específica das ações motrizes.

A proxêmica, como ciência do corpo no espaço, em geral é entendida como o estudo do uso e da percepção do espaço social e pessoal. O antropólogo norte-americano Edward T. Hall foi um dos primeiros a estudar o uso do espaço humano para fins de comunicação. Segundo Hall (1977) existe uma "dimensão oculta" cultural que rodeia o corpo. Assim, o valor funcional do espaço é culturalmente estabelecido e pode comunicar certos hábitos e sinais na sua forma de utilização entre os homens. A forma segundo a qual o homem utiliza o espaço influi em sua capacidade de se relacionar com as pessoas à sua volta, de sentir-se perto ou distante de outros.

As necessidades territoriais levam ao estabelecimento de zonas distintas em que a maioria dos homens interagem. Essas zonas representam sensivelmente os distintos espaços em que nos movemos, espaços que aumentam à medida que a intimidade diminui. Logo, uma distância íntima deve ser a menor possível. Por ser um contato, a distância íntima equivale à chamada fase próxima, correspondente ao contato corporal. Com essa distância os homens praticam um duelo corporal ou fazem amor. A proxêmica tem relevância na segmentação dos espaços do meio ambiente dos diferentes esportes sociomotrizes.

A partir dessas relações que, de alguma forma, podemos encontrar ligadas à comunicação verbal, percebemos que os processos de interação humana são explicados em teorias que abraçam diferentes modelos. Faz-se necessário destacar que a maioria dos autores que produzem estudos no âmbito da comunicação procuram partir do ponto preferencial das teorias lingüísticas, em que o movimento e as ações motrizes não desempenham papel central.

Diferentemente do enfoque supracitado, baseado no sistema de dupla articulação, muito comum na análise das línguas naturais, a comunicação visual supõe outras formas de articulação. Assim, Prieto (*apud* Parlebas, 1977b) denominou de *semas* as unidades semiológicas de base que correspondem a um código, confirmado por ele como um "sistema de semas". Um exemplo a que Parlebas se refere é o de uma placa de ciclista constituindo um código de dupla articulação, onde a coroa vermelha indica "interdição" e o

desenho de uma bicicleta tem um significado próprio para ciclistas. A bicicleta desenhada isoladamente estaria destituída de significado. Assim, a utilização de códigos articulados pode fazer com que, além da informação trazida pelo sema, exista a informação trazida pelos signos.

Parlebas (*ibid.*) reconhece que um dos pontos-chaves da semiologia, nos trabalhos de codificação visual em Prieto, se situa nas noções de "índice" e de "sinal". O "índice", descreve ele, é um fato imediatamente perceptível que nos faz conhecer algum "ente" mediato, isto é, algo que está por trás de outra coisa, e o sinal como um índice artificial que satisfaça as condições imperativas. Assim, o primeiro é um fato percebido, analisável, e pode ser produzido de forma voluntária com a intenção de servir de índice; e o segundo está na destinação, que pode ser reconhecida sem maiores problemas pelo destinatário.

Essas tendências paralingüísticas desenvolvidas neste século dão um impulso decisivo para construção da linguagem do corpo como saber científico. Uma das contribuições, na minha opinião, mais produtivas dessas tendências para a língua foi efetivamente a de conceber elementos extralingüísticos que não se comportam à classificação da língua verbal, mas de compreender a linguagem corporal como um instrumento fundamental para a comunicação humana.

Alguns lingüistas, entre eles Birdwhistell, vão explicar as semelhanças entre as duas línguas e defender a existência de um grau de cumplicidade entre elas. Nesse sentido, a linguagem corporal pode ser investigada pelas mesmas transformações naturais sofridas na língua, isto é, por um mesmo método que identifique uma estrutura ideal, tal como a encontrada na linguagem verbal. Com esse método ideal, surgem as analogias entre os dois tipos de linguagem, as correspondências, e sobretudo uma direção que pauta a raiz lingüística. Assim, o objeto central do saber corporal muda de foco quando a sua origem ainda busca as formas matrizes do conjunto de conhecimentos da linguagem verbal.

*Les tenants du modèle lingüistique appliqué au domaine corporel négligent des données capitales. C'est en effet parce qu'elle a fondamentalement réussi à évacuer le corps que la langue a pu devenir un aussi extraordinaire instrument de communicatio; c'est parce qu'elle a éliminé la signification de ses unités de base, bref, c'est parce qu'elle a mis l'arbitraire à la racine de son fonctionnement*¹⁰ (Parlebas, 1977a, p. 60).

A grande contribuição da linguagem do corpo para a pesquisa semiológica ocorreu no sentido de promover a comunicação via expressão corporal, por um caminho direcionado pela linguagem verbal. Uma visão nova, mas identificada e organizada nas formas lingüísticas.

¹⁰ Os saberes do modelo lingüístico aplicado ao domínio corporal negligenciam os dados capitais. É efetivamente porque a língua conseguiu fundamentalmente evacuar o corpo, que ela pôde transformar-se também num extraordinário instrumento de comunicação; porque ela eliminou a significação de suas unidades de base, em resumo, é porque ela a colocou o arbitrário sobre a raiz de seu funcionamento.

O universo das ações motrizes construído por Parlebas

Um outro fato importante para a história do ensino da Educação Física e as concepções da língua é a semiomotricidade, a semiologia da ação motriz. A semiomotricidade para Parlebas é a metalinguagem da ação motriz. Para o autor é pertinente falar de uma linguagem científica que possui conceitos, objetos de estudo, definições próprias e uma rigorosa metodologia de análise, constituindo assim um saber que descreve seu próprio campo de ação.

Diversos grupos de estudos sobre a praxiologia motriz (discurso da ação motriz) movimentam-se na França e Espanha, cujos interesses e perspectivas são bem distintos da pedagogia da linguagem do corpo. Para aqueles, já é descartada a coerência da relação entre a língua e a ação corporal, e o que eles têm como idéia geral é o fato de que o sujeito que se move, movimenta-se diretamente em interação com objetos, com o terreno e com outros, validado por uma tarefa motriz em curso definida pelo código da situação motriz em que este está inserido. Não é mais um sujeito com seus signos isolados, mas este em permanente interação. É a semântica das condutas motrizes, na qual se procura mostrar que a descrição signica do corpo não depende somente da vontade dos sujeitos que se movem, pois ela também cumpre uma necessidade imposta pelas próprias variáveis contextuais como: os objetos em jogo, adversários, parceiros, espaços e fases motrizes. Tudo isso reguíado por uma rede de comunicação motriz, manifestada no interior de uma rede de interações, projetos e antecipações interpretada pontualmente pelos signos práxicos subentendidos e expostos dentro de uma determinada situação específica.

Segundo Parlebas, podemos observar esses signos práxicos analisando uma certa situação semiomotriz que irá certamente nos conduzir a uma interrogação sobre as condições que permitem os sujeitos nela envolvidos a se comunicarem de modo intra-grupal ou a se contracomunicarem promovendo assim um duelo inter-grupal. Por exemplo, em um jogo. Que tipos de análises podem ser manifestas para quem toma a posição de investigador? Como podemos identificar a cooperação entre os companheiros de uma mesma equipe? Como os sujeitos percebem os significados de uma ação motriz em curso? Como eles conseguem compreender seus parceiros e o sentido tático de uma situação motriz? Como é que eles podem chegar a confundir os oponentes nas suas ações com dupla significação? (1977c, p. 57).

Desse modo, Parlebas constituiu uma ciência própria para pesquisar e responder a essas questões em desenvolvimento. Ele aborda essas questões como princípios universais e podem ser respondidas pela análise detalhada do sujeito em suas formas signicas e comunicativas, encontradas em todas as diferentes situações motrizes como um jogo, uma luta, uma dança, um grupo de sujeitos que escalam uma montanha, o sujeito que corre sozinho, um sujeito que surfa, até crianças que brincam de pique ou queimado.

Esta ciência motriz se constitui por conceptualizações operantes que correspondem a sete diferentes níveis de interpretações praxiológicas produzidas pela lógica estrutural de uma situação motriz: a rede de comunicações motriz (análise das interações cooperativas ou opositoras); a rede de interação de marca (análise do êxito ou fracasso dos sujeitos envolvidos numa situação motriz); sistema de pontuação (análise de um código decifrável ou forma de resultados motrizes); rede de papéis (análise de um *status* motriz traduzido pelas relações do sujeito com objetos, espaço e setores de ação numa determinada situação motriz); rede de sub-papéis (análise de uma ação mínima que tenha significado para quem observa o sujeito em interação motriz); código gestêmico (análise dos efeitos dos gestos, das verbalizações, dos sinais produzidos por um sujeito em movimento); código praxêmico (análise da ação comportamental do sujeito que interage com o mundo dos objetos e com outros). Estes princípios interpretativos reconhecidos pela ciência praxiológica como universais dos jogos constituem em conjunto a gramática de um jogo – a semântica motriz que analisa profundamente os significados do sujeito em interação.

Concluo que, a partir de Parlebas (1999), a Educação Física como disciplina pedagógica ganha um objeto específico para um diálogo semiológico: a praxiologia motriz. Ele a define como um sistema de signos que se desenvolve por um processo de realizações das condutas motrizes de um ou vários sujeitos atuando em uma situação motriz determinada. Este sistema de signos se manifesta nos comportamentos observáveis do(s) sujeito(s) em interação, unidos a um contexto específico. As ações motrizes se desenvolvem sobre um tecido amplo de comportamentos, lidos de forma subjetiva por quem observa. A observação realiza-se não apenas sobre os comportamentos objetivos dos sujeitos no cumprimento de uma tarefa concreta – a função práxica -, mas também sobre as relações, as decisões, antecipações, as verbalizações, os sinais e os gestos, enfim, todo o conjunto de unidades motrizes que estão organizadas sistematicamente em um dado contexto, formando assim um todo.

Parlebas (1977b, p.49) que investigou também a fragmentação da paralinguagem a partir do signo lingüístico, cria sua própria dimensão semiológica ligando o sujeito envolvido numa determinada situação motriz ao seu próprio contexto de ação, isto é, a sua realidade práxica e cultural. Assim, ele funda o signo ludomotriz como a associação entre um significante (o comportamento motriz observável) e o significado (uma classe tática ou relacional dos comportamentos motrizes dos sujeitos engajados dentro do cumprimento de uma ação concreta em jogo). Ele assevera que é fundamental observar que o significante motriz é um conceito subjetivo e não físico. Ele é a soma da capacidade de movimento, da intencionalidade, das interações com o meio físico, que se dão via sujeito que se movimenta em um determinado espaço e tempo.

Dans le domaine des pratiques corporelles, le significant ce sera les manifestations observables du comportement moteur (posture, geste, position et mouvement des

segments, orientation, appui, déplacement, vitesse...)
et le signifié, le sens relationnel et/ou tactique de cette
*conduite.*¹¹

Menezes Costa e Tubino (1995) têm em comum com o tema que estou procurando comentar um estudo sobre práticas de esporte na praia, onde eles fazem a devida comparação entre o signo motor e o signo saussuriano¹². Os autores descrevem todas as unidades possíveis de gestos, ações e oralidades encontrados no jogo do frescobol, valendo-se do signo ludomotor, com seus praxemas, gestemas, comunicação direta e indireta permeadas todo tempo pela lógica interna do jogo e o contrato ludomotor em questão. Ao apresentarem toda a semiomotricidade disponível nos sujeitos que, interagem com o jogo do frescobol, apontam que ao contrário do signo lingüístico, o signo ludomotor não é arbitrário (p. 37).

Para Saussure (1970), o signo lingüístico é a ligação entre um significante – imagem acústica – que não deve ser confundido com o som, o físico, mas sim a imagem que fazemos da sonoridade da palavra na nossa mente, e um significado – o conceito atribuído a palavra. Este autor considera que o traço que associa o significante ao significado é convencional, imotivado e arbitrário. De acordo com esta perspectiva signica, podemos exemplificar que uma vez que a humanidade formou e deu sentido ao nome “jogo”, este concebido em unidades abstratas e convencionais, não há motivo para chamá-lo de bola ou sapato. A idéia de jogo que formamos no nosso cérebro é um valor dado de forma arbitrária e um fato social convencionado pela humanidade, segundo o pesquisador genebrino.

Já o signo ludomotor de Parlebas (1977a, p.50) é absolutamente paradigmático para as práticas corporais, quando a produção motriz não é arbitrária nem linear, já que permite ao sujeito da ação motriz movimentar-se e gesticular nas esferas espaciais onde ele produz a sua motricidade. Além disso ele pode, simultaneamente, movimentar-se com diferentes partes do seu corpo no tempo, constituindo assim uma semiomotricidade que se desenrola em uma realidade pluridimensional, atualizadas por ações, gestos e sinais. Tal fato lhe atribui uma enorme riqueza semiológica, considerada, pelo próprio autor difícil de analisar.

*Cet aspect multi-dimensionnel de la pratique motrice est un gage de richesse et d'originalité mais elle pose un véritable défi à l'analyse.*¹³

Uma classificação importante que Parlebas (1977a) propõe é a distinção entre a linguagem corporal e o signo ludomotor. Para ele, o signo ludomotor está dentro de um sistema ludomotriz, é um fato social e práxico e está selado

por um contrato ludomotor que reúne os sujeitos na aceitação de uma mesma lei, a lei do jogo; a linguagem corporal, ao contrário, é a realização de um significado pelo sujeito que usa o corpo para se expressar, sendo variável e da própria autonomia corporal do sujeito. Como a linguagem corporal não depende de uma função práxica, ele a destaca, mas não o exclui do campo da ciência da ação motriz.

O sistema interno de uma situação motriz identifica, segundo Parlebas (1977c), um conceito de que cada signo ludomotor em análise só adquire um significado no momento em que interage com a rede global na qual está envolvido. Ele cita, como exemplo disso a análise de um jogo francês chamado “*D'accroche-décroche*” ilustrando as relações travadas entre os sujeitos em jogo, onde os mesmos trocam indícios, gestos, informações corporais ou posturais transparentes para os companheiros e enganosas para os seus adversários. Esses signos são identificados em sub-papéis incorporados pelos sujeitos, que dependem das situações espaciais e temporais do sistema motriz. O valor do signo ludomotor depende dos sub-papéis que seus atores tomam dentro da situação motriz.

Deste modo, esse sistema assume, diferentemente da ciência lingüística, a contemplação da incertude, da ambigüidade, da finta, onde o signo pode ser interpretado como um índice enganoso para o sujeito ou um grupo inserido em uma determinada situação motriz. Entretanto, é legal este tipo de atitude no universo das práticas corporais. Essa especificidade semiológica original, encontrada somente no mundo motriz, é organizadora e faz parte de qualquer tema difundido na cultura dos jogos, entre as suas relações de oposição e comunicação nas redes ludomotrizes.

A metodologia que analisa o signo ludomotor é o método praxiológico instituído em uma semântica sociocultural dos universais ludomotrizes. Ele garante à praxiologia motriz a categoria de ciência – copernicana no campo pedagógico da Educação Física. A mesma se utiliza também dos conhecimentos da matemática elementar, como por exemplo, de símbolos abstratos para teoricamente tornar uma situação motriz compreensível, valendo-se assim de dois tipos de metalinguagem: a formal e a ordinária.

Uma conclusão temporária para um diálogo constante

Se a intenção é falar de teorias lingüísticas e Educação Física, permito-me fazer menção ao pensamento de Parlebas, o qual cumpriu a tarefa de fundar uma ciência autônoma, que hoje, na minha opinião, deve ser uma referência destacada para qualquer teoria lingüística aplicada à área de ensino da Educação Física. Apesar das críticas e conflitos que aparecem

¹¹ Dentro do domínio das práticas corporais, o significante serão as manifestações observáveis do comportamento motor (postura, gesto, posição e movimento dos segmentos, orientação, apoio, mudança, velocidade...) e o significado, o sentido relacional e/ou táctico desta conduta.

¹² Ferdinand de Saussure é o pai da Lingüística moderna. Tem um livro publicado, segundo anotações dos seus alunos, com o nome de Curso da Lingüística Geral. Este autor é reconhecido principalmente por dar à linguagem verbal e escrita a categoria de ciência autônoma.

¹³ Este aspecto multi-dimensional da prática motriz é um testemunho de riqueza e de originalidade, mas ela propõe um verdadeiro desafio a análise.

em desacordo, a obra de Parlebas ainda esta no centro das reflexões que surgem no âmbito educacional e científico da Educação Física.

Ao movimentar assim minha curiosidade epistemológica, sinto-me desafiado a registrar sob forma de estudo um tema tão pouco explorado no Brasil. Um desafio provocado por aqueles, como Betti e Parlebas, que revolucionam a Educação Física com competência intelectual e coragem, rompendo com o que está posto, para assim anunciar o novo.

Ao concluir este trabalho devo agradecê-los pelos seus competentes e sérios estudos. Acredito que continuarão a provocar, nos professores e estudantes de Educação Física, um diálogo criativo, onde a marca semiológica é a vontade de apreender o novo, como eles têm ensinado, descrevendo nos seus trabalhos, os signos da ousadia e da coragem.

Bibliografia:

- BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo* 3. p. 25 – 44 out/1994
GUIRAUD, P. *Le langage du corps*. Paris: PUF, 1980.
HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: USP/Cultrix, 1969.
LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
PARLEBAS, Pierre. Pour une semiologie du jeu sportif. *Éditions EPS*. Paris, n. 143 p. 56-61 Jan./fev. 1977a
_____. Linguistique, semiologie et conduites motrices. *Éditions EPS*. Paris, n. 144, p.49-52,mar./avr.1977b.
_____. Fonction semiotrice et jeu sportif. *Éditions EPS*. Paris, n.145 p. 38-40, jui./aoû. 1977c.
_____. Jeux, Sports et sociétés. Lexique de praxiologie motrice. Collection Recherche: Paris, INSEP, 1999.
RECTOR, M. & TRINTA, R. *Comunicação não verbal; a gestualidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1986.
SAUSSURE, F de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo. Cultrix, 1970.
TUBINO, M. J. G. & MENEZES COSTA, V. L de. Práticas populares de esporte na praia: estudos de jogos de frescobol. In: VOTRE, S. J. & MENESES COSTA, V. L. de. *Cultura, atividade corporal & esporte*. Rio de Janeiro: Editora Central da U.G.F., 1995, p. 31-44.

ABSTRACT: *This text results from my apprenticeship in Motive Praxiology with Professor Pierre Parlebas in his laboratory LEMTAS (Laboratoire d'Etude des Methodes et des Technologies de l'Analyse Sociologique) at University René Descartes, Paris V, Sorbonne. Here, I deal with questions about linguistics theories applied in the teaching of Physical Education and its consequences in the body and motive practices. By being concerned with linguistic and semiological nets I try to keep a dialogue with Betti (1994), and Parlebas (1977 and 1999). By analyzing the works of these authors, I look forward to systematizing my interpretation of what they have already constructed in researches and sciences and producing a new text.*

KEYWORD: Praxiology
